

A PERSONAGEM FEMININA EM *DE AMOR Y DE SOMBRA*: uma reflexão sobre a NOVA MULHER

ROSSI, Cristiane Aparecida da Rosa (*)

Resumo

A história das mulheres, desde tempos imemoráveis, tem correspondido a uma história de submissão ao homem e de dependência econômica e, também, cultural a ele (SCHMIDT IN NAVARRO, 1995; MURARO, 1995). No presente artigo, abordaremos o estudo da mulher contemporânea, compreendendo-a como um ser inteligente e capaz de assumir posições anteriormente destinadas com exclusividade ao homem. Tomaremos como base a personagem Irene Beltrán, protagonista da trama de *De amor y de sombra* (1984), produzido pela escritora chilena Isabel Allende (1942). Como resultado, aferimos que a mulher da atualidade encontra-se evoluída, em decorrência do aprendizado adquirido nos duros anos de repressão.

Palavras chave: Literatura. Emancipação feminina. Identidade. Pós-modernidade.

Abstract

Women's history, since immemorial times, has corresponded to a history of male submission and of economic dependency and, in a sense, cultural (SCHMIDT IN NAVARRO, 1995; MURARO, 1995). In this paper, the focus is on the study of contemporary women, understanding her as an intelligent being and able to take positions previously designed as exclusive to men. The study will build on the character Irene Beltrán, protagonist of the plot *De amor y de sombra* (1984), written by the Chilean writer Isabel Allende (1942). As a result, it is assessed that today's woman is mature, due to the knowledge acquired in the hard years of repression.

Keywords: Literature. Female emancipation. Identity. Postmodernity.

Introdução

A emancipação feminina e as identidades do sujeito, na contemporaneidade, são temas instigantes pela relevância que apresentam para a sociedade do momento. Por conta disto, relacionaremos os temas mulher e atualidade, tornando possível a compreensão da interação dos sujeitos atuais sobre o mundo em que vivemos.

Ao tomarmos Irene Beltrán, a personagem central do romance *De amor y de sombra*, escrito por Isabel Allende, em 1984, como base para o presente estudo, compreenderemos que

(*) UFSM - Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, Brasil (2015). E-mail: cristianerossi@yahoo.com.br.

as circunstâncias políticas e sociológicas, sob as quais vivemos, afetam a maneira como interferimos sobre a realidade. No caso do romance de Isabel Allende, o autoritarismo político, a repressão e a ditadura militar deram motivos para que a protagonista abandonasse sua vida cotidiana e se envolvesse em acontecimentos dramáticos, como foi o caso de seu envolvimento na revelação dos responsáveis pelo rapto e desaparecimento da jovem Evangelina Ranquileo, vítima da opressão.

O presente estudo irá abordar a temática feminista, com ênfase à emancipação feminina, e à ampliação do espaço destinado à mulher nos mercados laboral e cultural. Neste sentido, compreenderemos a proposta, analisando a evolução das conquistas femininas, a partir do estudo do surgimento do patriarcado e da divisão sexual dos trabalhos. Ao considerarmos o episódio das operárias incineradas em uma fábrica de tecidos em Nova Iorque, em 1857, como o marco inicial para este estudo, daremos ênfase ao período iniciado com a ditadura militar no Cone Sul, concentrando-nos nos tempos atuais.

1 Literatura e mulher

De maneira geral, dizemos que a relação entre a mulher e a literatura começou a estreitar-se apenas no último século, seguindo uma tradição de mais de dois mil anos, em que os textos escritos por mulheres eram considerados de pouca importância. Os textos de autoria feminina eram, muitas vezes, censurados ou impedidos de serem publicados. Ao longo da história, a mulher permaneceu confinada em um espaço de exclusão cultural, visto que a tradição cultural era androcêntrica e privilegiava os escritos de produção masculina. De acordo com Schmidt (In NAVARRO, 1995, p. 184):

A nossa tradição estética, de base europeia, tradicionalmente definiu a criação artística como um dom essencialmente masculino. Tal qual Deus Pai que criou o mundo e o nomeou pelo poder do Verbo, o artista sempre foi visto em um papel análogo ao papel divino sendo, portanto, considerado o progenitor de seu texto, um patriarca estético.

A mulher ficou, portanto, excluída dos espaços criativos: artes, literaturas, ensino; cabendo-lhe, sobretudo, o papel da procriação, considerado como papel secundário. A exclusão da mulher do mundo criativo dá ênfase ao pensamento patriarcal de que o homem é

o responsável pelo controle da vida externa, e à mulher, caberá, apenas, a acomodação, em relação à posição estabelecida pelo homem. Schmidt (In NAVARRO, 1995, p. 185) assevera: “Se, por um lado, sabemos que a patriarquia nunca impediu a mulher de falar (e de escrever), por outro, sabemos que sempre se recusou a ouvi-la quando ela não falou (e escreveu) do ponto de vista do universal, isto é, do ponto de vista masculino”.

Dizemos que, nesses casos, a alteridade da mulher ao não ser reconhecida, começa a receber atenção apenas quando sua fala ocorre por intermédio de uma linguagem considerada universal. A linguagem considerada universal estaria investida de características masculinas, como o uso de verbos em terceira pessoa, a objetividade e a ausência de emotividade.

O silenciamento da mulher ocorrido, muitas vezes, de maneira coercitiva, corrobora a hegemonia do discurso masculino, que considera o homem um “sujeito consciente universal” (SCHMIDT, In NAVARRO, 1995, p. 186). Nesses casos, o etnocentrismo masculino representa o desejo de formação de uma cultura homogênea, com forças para rejeitar a cultura do outro, considerada uma ameaça à percepção idealizada do sujeito. Ainda de acordo com Schmidt (In NAVARRO, 1995, p. 186):

Se gênero, tanto quanto raça e classe, é uma das categorias da diferença que estrutura nossa percepção, nossas leituras e nossas vidas, os valores e os sentidos que construímos do mundo, levantar a questão de gênero nas discussões sobre o cânone literário, critérios de valor estético e autoria feminina significa, em última análise, implodir as balizas epistemológicas do sistema de referência de nossa cultura e fazer emergir à tona as relações da cultura e da visão canônica da literatura com sistemas elitistas de distribuição de poder e estratégias de exclusão/opressão.

O espaço literário para a mulher foi conquistado por escritoras, que se viram obrigadas a enfrentar os símbolos e as representações aceitos, normalmente, pelo público masculino. Até o século XIX, a figura de mulheres, constava na literatura assumindo apenas papéis de “musa ou criatura”, menos valorizados, mantendo-as excluídas do processo de criação. Em relação à literatura produzida na Hispanoamérica, durante o período colonial, mencionamos a escritora mexicana, religiosa católica, poetisa e dramaturga *sor* Juana Inés de la Cruz (1651-1695). Seu nome consta como uma das poucas referências de produção literária de autoria feminina, encontrados durante esse período. Segundo Valdés (1993, p. 469): “Hay pocas escritoras coloniales cuyos nombres figuren en las historias literarias. La gran

excepción, por cierto, es sor Juana Inés de la Cruz [...]”. Durante o período colonial, considerava-se um ato ilícito conceder, às mulheres, o direito de escrever. O uso da razão e da argumentação eram considerados como de domínio masculino. Valdés (1993, p. 482) assevera que:

Las monjas tomaban la palabra diciendo que lo hacían obligadas – en caso contrario, tomar la palabra no hubiera sido un acto lícito. La misma sor Juana declara que lo único que ha escrito por propia iniciativa fue el *Primero sueño*. Además, al tomar la palabra, lo hacen desde la esfera que les es propia; la de la experiencia emotiva y mística. [...] A la prohibición de tomarse la palabra se suma la prohibición de ubicarse en el lugar de la razón: incluso en el campo religioso, dada la división de roles a la que antes hacíamos referencia: el dominio de la razón y de la argumentación estaba reservado a los hombres. En el fondo, les estaba reservado el poder.

A literatura de autoria feminina possui a característica de revelar ao mundo as circunstâncias sob os vieses femininos, não significando que a escrita produzida por mulheres seja uma escrita desprovida de características universais e ontológicas, considerando, porém, que a produção escrita de autoria feminina carrega em sua linguagem, características e elementos inerentes ao pensamento feminino.

2 A emancipação feminina

Escrito na segunda metade do século XX, *De amor y de sombra* (1984) contém os prenúncios de uma emancipação feminina, que não havia adquirido ainda as feições atuais. Direitos como o voto e o divórcio já haviam sido estendido a elas, porém, as disputas pela equiparação no mercado de trabalho se encontravam apenas em fase inicial. Da segunda metade do século XX em diante, a mulher começa a assumir postos elevados e funções diretivas, anteriormente reservadas, prioritariamente, ao sexo masculino. Ao passarmos as vistas pela Literatura, encontraremos personalidades femininas com destaque a partir de então. É o caso, por exemplo, da escritora chilena Isabel Allende que passou a integrar, nesse período, o rol dos nomes femininos com relevo na literatura hispano-americana.

As diferenças estabelecidas entre os sexos e a separação das atividades produtivas e sociais em relação a cada um, remonta ao surgimento do patriarcado, ocorrido há, aproximadamente, dez mil anos. Segundo Muraro (1995), o patriarcado firmou-se a partir da

descoberta do papel do homem na procriação. A autora afirma: “A patrilocalidade e o patriarcado devem ter entre suas causas a descoberta do papel do homem na reprodução, o que permitiria a estes controlar a fecundidade das mulheres e, portanto, controlar as próprias mulheres, porque o poder advinha do controle da reprodução” (Idem, p. 24).

Antes do surgimento do patriarcado, já havia a divisão sexual dos trabalhos. Nas sociedades primitivas, as mulheres dedicavam-se à colheita e distribuição de alimentos, enquanto que aos homens, cabiam outras funções, como a da caça, por exemplo. O patriarcado fez com que a simples divisão sexual do trabalho configurasse a dicotomia público/privado. Os homens assumiram as funções externas, com o trabalho remunerado e o sustento da casa, e às mulheres destinaram-se os cuidados com a casa e com os filhos.

A crença na superioridade masculina acentuou a dicotomia dos papéis sexuais, fazendo com que a mulher se mantivesse em uma posição social inferior à do homem. Segundo Muraro:

Em primeiro lugar, o comportamento feminino não é biológica nem psicologicamente predeterminado, mas é, sobretudo, um dado cultural. Assim, o conceito de feminilidade e masculinidade varia no tempo e no espaço. Os únicos papéis que são exclusivos e permanentes são os diretamente decorrentes das diferenças corporais (mulher: menstruação, parto, amamentação), mas mesmo esses se apresentam de maneiras diversas, segundo o contexto cultural (1969, p. 108)

A crença na superioridade masculina formava-se há milhares de anos. A aceitação da mulher como alguém capaz de se auto-sustentar, porém, vem-se formando há pouco tempo, ao compararmos o pensamento ocidental e patriarcalista de que o homem possui capacidade intelectual e de sustentação superiores, em relação à mulher.

3 De amor y de sombra

De amor y de sombra é o segundo romance da escritora chilena Isabel Allende, escrito 1984. Em continuidade ao romance *La casa de los espíritos* (1982), *De amor y de sombra* contextualiza o período correspondente à ditadura militar no Chile, em consequência ao golpe que retirou o governo do ex-presidente Salvador Allende (1908-1973) do poder. O lançamento de seu romance inicial *La casa de los espíritus* abriu espaço para o entrelaçamento da narrativa baseada em acontecimentos históricos com a temática feminina.

Sua produção literária inclui romances, memória, contos e teatro. Entre as obras de Isabel Allende, destacamos: *Eva Luna* (1987), *El Plan Infinito* (1991), *Paula* (1994) e *Hija de la fortuna* (1999).

O romance *De amor y de sombra* conta a história de amor entre Irene Beltrán e Francisco leal, jornalista e fotógrafo chilenos, cujas vidas se aproximam, em meio às angústias e sofrimentos provocados pela ditadura militar no Chile. A obra apresenta como elemento inicial da narrativa, o drama de Evangelina Ranquileo, a camponesa de quinze anos, acometida por ataques e convulsões inexplicáveis, que por realizar pequenos prodígios, como secar as verrugas de uma mão, passou a ser considerada santa pelos habitantes locais. O caso chamou a atenção da jornalista Irene que se dispôs a investigar o fato. Ao chegarem ao local, Irene e Francisco testemunharam a incursão da residência por um grupo de militares, e o rapto da jovem camponesa, levada, então, por estes. Girando em torno da busca de Evangelina Ranquileo, a trama culmina na descoberta de uma mina desativada, cujo fim era servir de cemitério clandestino às vítimas de crimes políticos. Irene e Francisco dedicam-se, desse momento em diante, a descobrir e revelar os culpados pelos crimes. Como consequência, a jornalista torna-se vítima de um atentado à bala que a obriga a abandonar o país, o que faz juntamente com Francisco.

4 A mulher como personagem principal

A personagem central de *De amor y de sombra*, chama-se Irene Beltrán, uma jornalista chilena jovem, bonita e independente, contemporânea ao período em que vigorou a ditadura militar no Cone Sul. Irene Beltrán vive com sua mãe Beatriz Alcántara de Beltrán em um sobrado, cujo primeiro piso havia sido transformado em asilo para idosos. Apesar de descender de uma família rica, e diferentemente do que ocorre com sua mãe, a jovem trabalha em uma revista. Mesmo em um período em que a ditadura militar vigorava em seu país, a jornalista é uma mulher, cujos interesses ultrapassam as meras extravagâncias da vida social. Ao conversar sobre Irene com a empregada Rosa, Beatriz de Beltrán revela sua preocupação com o pouco caso da filha em relação à vida social:

Rosa nada respondió, pero apagó la radio invitándola a las confidencias y la señora suspiró, tengo que hablar con mi hija, no sé em qué diablos anda metida, ni quiénes son esos pinganillas que la acompañan. ¿Por qué no va al Club a jugar ténis y de paso conoce a jóvenes de su misma clase? Con la

disculpa de su trabajo hace lo que le da la gana, el periodismo siempre me ha parecido un asunto sospechoso, propio de gente de medio pelo; si su novio supiera las cosas que se le ocurren a Irene, no lo aguantaría, porque la futura esposa de um oficial del ejército no puede darse esos lujos (*De amor y de sombra*, 1998, p. 17).

Podemos perceber a desconfiança da mãe de Irene em relação ao jornalismo, profissão considerada por ela, pejorativamente, como próprio de *gente de medio pelo*. Observamos que, apesar do noivado com oficial do exército, Gustavo Morante, Irene Beltrán deixa-se envolver, inteiramente, nos acontecimentos políticos que se desenvolviam no país, fazendo-a conhecer de perto os horrores da ditadura militar.

Irene mantinha pensamentos libertários em relação à sociedade conservadora na qual vivia. Ela costumava vestir-se de maneira excêntrica, usando pulseiras ruidosas e maquiagem abundante nos olhos. Abaixo, o encontro de Irene com Digna Ranquileo, mãe de criação da jovem Evangelina Ranquileo:

Se sentaron en dos sillas de paja frente a frente. En la tenue luz del crepúsculo Digna Ranquileo vio el pálido rostro devorado por unos ojos extraños delineados con lápiz negro, el cabello revuelto por la brisa, esa ropa rescatada de otras épocas y los abalorios ruidosos en sus muñecas (*De amor y de sombra*, 1998, p. 108).

Além de sua aparência extravagante e moderna, Irene, a moça de cabelos longos e encaracolados, simboliza a mulher corajosa e audaz. Apaixonada por seu amigo Francisco, a jovem desafia os padrões da sociedade autoritária em que vive, empenhando-se, juntamente com o fotógrafo, em desvendar o desaparecimento de Evangelina, e confrontar os interesses do poder central. A personagem simboliza a mulher emancipada, capaz de romper com os parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal: o abandono da casa como o local exclusivo para a atuação da mulher e o fim dependência econômica, em relação ao homem. Em outras palavras, percebemos em Irene a mulher que sai às ruas, abandonando os valores tradicionais do comodismo e da acomodação. Da Matta (1991, p. 17) assevera que o significado das palavras “casa” e “rua” vai além da simples denominação de espaço geográfico, designando, sobretudo, esferas de atuação social:

Quando, então, digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas

de positividade, domínios culturais institucionalizados e, pó causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (1991, p. 17).

Tradicionalmente, a palavra casa relaciona-se ao sinônimo de conforto e de proteção, ou conforme Da Matta (1991, p. 17), de “local privilegiado”. Por este viés, a casa estaria eivada de uma conotação positiva, de lar, familiaridade ou proteção, ao passo que a palavra rua, relacionar-se-ia ao sentido de “anonimato” ou desproteção. Da Matta (1991, p. 22) estabelece a seguinte comparação: “Em casa somos todos, conforme tenha dito, “supercidadãos”. Mas, e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades” e não temos nem paz, nem voz”.

5 A mulher e a pós-modernidade

Nos tempos atuais, os constantes avanços nas áreas científicas e tecnológicas são capazes de afetar, profundamente, o modo de perceber a vida de pessoas com as quais nos encontramos frequentemente. Dúvidas e incertezas em relação ao futuro da sociedade fazem parte da configuração do momento atual. Durante a ditadura militar, um ambiente de insegurança e opressão pairou no ar do Brasil e do Cone Sul, provocando angústias e temores, com reflexos sobre a identidade do indivíduo.

Segundo Hall (2006, p. 09):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas o final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

As paisagens culturais, as quais se refere o autor, estão-se tornando fragmentadas, afetando as identidades do indivíduo e modificando o conceito de “sujeitos integrados”. A protagonista Irene é uma mulher em confronto com um mundo autoritário e repressor, forte o suficiente para punir, com rigor, os crimes contra a identidade nacional. Ao analisarmos as forças coatoras e repressivas, empregadas pela ditadura militar sobre a sociedade, podemos compreender os efeitos da ditadura militar sobre a identidade das pessoas, e, sobretudo, da mulher. Na vigência do regime autoritário, as forças repressoras obrigavam o indivíduo a

proceder, conforme os interesses do poder central. Ao restringir a liberdade do indivíduo, o governo mantinha-o atado a situações de controle (censura, estado de sítio, entre outras). De maneira geral, dizemos que a mulher pôde sentir as agruras do regime autoritário, de forma mais intensa que o homem, pois, diferentemente do que ocorria com o gênero masculino, naquele momento, as forças políticas eram constituídas, predominantemente, por representantes do sexo masculino.

Considerações finais

De acordo com o presente estudo, compreendemos que a divisão sexual, instaurada com o surgimento do patriarcado, acarretou a dicotomia entre os âmbitos público e privado. O espaço público ou externo foi destinado ao homem, enquanto que a mulher passou a concentrar o domínio sobre o âmbito interno, dos cuidados com a casa e com os filhos. O homem pôde, então, estender o controle financeiro sobre a mulher, mantendo-a afastada do meio acadêmico e da produção cultural.

O distanciamento da mulher, em relação à profissão e ao trabalho remunerado, surtiu efeitos, sobretudo sobre a produção cultural, dos quais ela foi excluída, pois, por muito tempo, o reconhecimento da produção cultural da mulher foi considerado como de menor importância.

A abertura do espaço literário para o sexo feminino iniciou-se com a concordância das escritoras em aceitar os papéis definidos pelo público masculino para elas. Foi o caso, por exemplo, dos papéis de “musa” ou de “criatura”, reservados às mulheres até o século XIX, mantendo-as afastadas do processo de criação cultural.

A dicotomia, estabelecida com o surgimento do patriarcado, tornou possível a supremacia do poder masculino em relação ao feminino, incidindo sobre os aspectos sociológicos, econômicos e políticos. Neste sentido, Irene Beltrán, a protagonista de *De amor y de sombra*, é uma mulher que atua em prol dos avanços e conquistas femininas, com vistas ao rompimento das amarras a uma sociedade conservadora e patriarcal. Apesar possuir formação superior, e de provir da classe média alta; Irene Beltrán, ao lado de Francisco, altera o rumo de sua vida ao deixar-se envolver na investigação e na revelação do rapto de Evangelina Ranquileo, abrindo mão do conforto e da proteção da vida familiar.

Irene representa o sujeito feminino em confronto com um mundo autoritário e opressor, forte o suficiente para punir com rigor as atitudes e comportamentos potencialmente ofensivos à identidade nacional. Neste sentido, o paulatino rompimento dos valores patriarcais acarretaram à mulher, daquela geração em diante, melhores condições de vida em relação ao trabalho e à produção acadêmica e cultural.

Referências

ALLENDE, I. *De amor y de sombra*. Barcelona: Plaza & Janés Editores, 1998.

DAMATTA, R. *A casa e a rua*. Guanabara Koogan S.A: Rio de Janeiro, 1991.

HALL, S. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MURARO, R. M. *A mulher na construção do mundo futuro*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____, R. M. *A mulher no terceiro milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rosa dos tempos: Rio de Janeiro, 1995.

SCHMIDT, R.T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1998.

VALDÉS, Adriana. El espacio literario de la mujer en la colonia. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: UNICAMP, 1993, p. 469-485.